

somos mães que sentimos a dor todo dia, e muitas vezes nós achamos que estamos esquecidas. Buscamos muito as coisas e só de estarmos aqui e de poder ter esse olhar de vocês pra gente já é um caminho. A gente precisa de mudanças, precisamos realmente que as coisas sejam ditas e que aconteçam. Precisamos ver realmente acontecendo, pela nossa dor e para que outras mães não passem pela mesma dor que nós estamos passando nesse momento.

É isso que a gente pede, como vocês têm abraçado a causa: continuem conosco nos ajudando, realmente, a que venha a ser feita diferença, venha realmente ter valia para que outras mães não sofram.

A Helena falou uma coisa assim que, como uma mãe espera seis meses para enterrar o filho? Imagina o desespero dela. E como ela falou, a gente tem que ter postura para chegar num lugar, porque falam: "Ah, é louca". Não é. Só a gente sabe a dor de não poder falar, de ter que ficar em silêncio, quieto, e muitas vez a gente não é ouvida.

Eu cheguei na DDPA, a delegada Elen... no início do caso da Vitória. Quem era o delegado era o Leonardo. Quando eu tive lá pra fazer o envelhecimento, eu lembro de uma coisa muito triste: a delegada me falou que sabia que a Vitória estava morta. Eu perguntei para ela como que ela sabia disso? Ela disse que um senhor, que estava do lado dela, tinha levado ela, estuprado e jogado ela num rio, porque atrás tem o rio da Fiocruz. Mas eu falei: "Ué, mas não tem corpo?". Ela falou: "Mas ali é muito lixo, não tem como achar". Só que, no sábado mesmo, o Bombeiro foi lá e fez uma vasculhada lá.

Agora, pensa uma mãe ouvir isso sem que tenha verdadeiramente provas. Isso não pode acontecer. Não pode, porque... "Eu posso falar". Ela falou que ela tem muitos anos de experiência, e eu acredito, porque é uma delegada que está há muitos anos nesse cargo, mas ela não pode afirmar uma coisa se não tem corpo. Ela pediu a prisão do senhor, mas também eu falava muito: "Eu não quero que seja feita injustiça. Eu quero a minha filha, mas eu não quero que uma pessoa inocente pague por uma coisa que ele não fez". Porque é muito fácil eu chegar aqui e acusar alguém e querer que aquela pessoa seja presa sem eu ter prova para dar como encerrado o caso. E não é assim; vai além disso. A gente tem que ter realmente a certeza, como as duas mães aqui falaram que viram, tinham a prova e não foi feito nada. Agora, quer colocar a culpa em alguém? Então, dali, daquele momento, pra mim, ela já deu o caso como encerrado.

Então, isso é muito triste, eu fiquei dilacerada, eu fiquei em desespero quando eu ouvi isso da delegada falar que a minha filha estava morta. E assim foi até insensível, porque não se fala isso pra uma mãe, se você não tem realmente a prova. Ela pediu a prisão do senhor, na época, só que o juiz não aceitou porque não tinha provas contra ele. Então, ela pediu a prova e foi nessa tese que ela batia sempre, de que Vitória foi morta por ele.

Então, é como se fosse assim: então, eles não estão mais procurando, porque essa a linha que eles traçaram. Ele pegou, estuprou ela e matou, mas não tem corpo. E quando eu levei também, uma vez, uma ligação que pediram dinheiro pra minha tia, ela falou: "Mas, Flávia, agora vão pedir dinheiro?". Eu falei assim: "Mas não tem tempo, eu quero resposta".

Eu procurava, eu cheguei a vir muito aqui para a cidade, cheguei a entrar em comunidades, porque a gente fica assim desorientada, andando, sem querer comer, sem querer dormir. Eu entrei em comunidades em que até me falaram: "- Senhora, a senhora não pode andar aqui". Eu falei: "Moço, mas eu só quero minha filha.". - Mas é perigoso".

E ter uma delegacia que é estruturada para isso. Mas são muitos casos, então, acaba acontecendo o quê? São muitos casos ali, na DDPA. Tudo é DDPA. Só que tem realmente sido feito um trabalho bom ali? Porque se bota um monte de caso, como eles vão procurar essas crianças, essas pessoas desaparecidas? São milhares de casos.

Então, a gente vê que fica um buraco, esse trabalho não fica feito com êxito. Porque, se tivessem mais pessoas para trabalhar... E quando é final de semana, então, que você leva num sábado, como eu levei o caso da Vitória e fiz o B.O. "- Você vai esperar segunda-feira para a diligência de segunda-feira começar a trabalhar no caso". Imaginal. Levou três dias para começarem a procurar minha filha de três anos. Ela não sabia falar direito, não saberia dizer onde morava. É muito triste.

A gente tenta mudar isso, Deputada. Que vocês olhem pra gente e nos ajude a mudar. Não é só pela minha filha; é para que outras mães não sofram o que a gente está sofrendo porque, quando nós fomos lá em Belford Roxo, que nós fomos lá com as mães, é desesperador você ver. Eu falei: "Gente, isso tudo está acontecendo ainda".

Foi seis anos atrás que a Vitória sumiu, mas hoje está acontecendo ainda. Foram 11 anos que a Luciane sumiu e continua acontecendo ainda. E a nossa dor parece que não muda. O que nós sentimos parece que não muda o olhar da população, o olhar das pessoas, porque tem que ser diferente.

Na delegacia, a gente não tem que chegar, como foi dito, como sendo a principal suspeita. Tem que começar a procurar realmente pistas. Sim, quer achar, porque o delegado, na época, até falou; "Flávia, me desculpa". Ele me pediu desculpas. "É porque a gente já chegou aqui com mãe que tinha matado o filho e que estava procurando. A gente entende, mas a nossa dor não pode ser colocada como outras dores. A gente sabe que, infelizmente, acontece isso, mas, no momento, buscar mesmo achar a criança, achar o adolescente, a pessoa que está desaparecida. O que a gente pede é isso: mudança. A gente precisa de respostas, a gente precisa ver realmente as coisas acontecendo. É o que a gente mais pede: que realmente a família seja olhada com olhar.

E uma das perguntas que o Deputado Daniel falou é se o Estado dá alguma assistência. Nenhuma. Nenhuma. Como a Helena falou, a gente fica esperando alguém, a gente entra quase em pânico, a gente tem mãe que está para entrar em depressão. Conseguimos no grupo algumas psicólogas que tentam ajudar porque, se deixar, a pessoa morre e ninguém vê. A pessoa morre não é porque ela quer morrer não, é porque a dor é muito grande. Não é porque ela quer estar ali não, mas é porque a dor de você ter força, como a gente tem... A gente até fala assim, nós temos mães que não estão aqui com a gente porque não conseguem, não é porque elas não querem. E não é fácil a gente levantar e falar: "Eu vou continuar lutando". Mas aquela dor, a pessoa entra em depressão e o Estado não faz nada, não dá posição nenhuma, não dá ajuda nenhuma para as mães. E isso é muito triste para a família porque a família sofre.

Eu tenho uma filha, que agora está com 15 anos, que ela ficou com depressão. Eu cheguei no médico e falei, expliquei o caso e ela falou: "Mãe, ela não sente nada, não tem como. Ela é pequena, ela absorve melhor". E eu falei: "Então, eu procuro quem?". Quem me ajuda com isso, se eu já estava com dor, mas eu não podia deixar o olhar para a minha filha, que também estava ali comigo, que estava sofrendo e, muitas vezes, ela não se expressava. Eu conseguia falar, já ela não.

Então, realmente, o que a gente precisa é isso, é o olhar, é de pessoas sensíveis que deem um olhar para a nossa causa e sejam diferentes, porque a gente quer mudanças, a gente quer mostrar que nós estamos aqui, que nossos filhos não foram esquecidos. E nós nunca vamos deixar eles serem esquecidos. Nunca! E lutamos pelos filhos de outras pessoas, porque a gente diz que cada pessoa que aparece, o nosso aparecendo ali é aquela esperança.

Então, é o que a gente pede, que vocês continuem com a gente, nos ajudando porque é de grande... Assim, esse olhar pela causa, quando a Luciene fala do Deputado Danniell Librelon, a gente tem um carinho muito grande, muito, porque ela fala muito: "Flávia, ele abraçou a causa e nem sempre a gente consegue isso". Às vezes, você fala com uma pessoa aqui, ela te olha, "ah, tá bom, vou ajudar", depois esquece. Então, esse olhar de vocês para gente é muito importante. A gente agradece muito.

Nós, do Movimento Mães Virtuosas do Brasil agradecemos muito a vocês por essa CPI, por esse assunto chegar aqui e realmente ter uma importância. Porque, muitas vezes, a gente quer falar, como eu falo muito, a gente quer falar, porque quem sente a dor somos nós. Nós estamos sentindo. Então, a gente só tem a agradecer a vocês.

Muito obrigada mesmo.

A SRA. PRESIDENTE (Renata Souza) - Muito obrigada, Sra. Flávia. Nós é que agradecemos a disposição de vocês estarem aqui revivendo dores. A gente imagina que essa dor é cotidiana, ela é a cada deitar no travesseiro e acordar pela manhã. Então, a gente que agradece inclusive o reconhecimento do trabalho aqui sendo feito.

Gostaria de passar ao Deputado Danniell Librelon para uma consideração.

O SR. DANNIEL LIBRELON - Deputado, primeiro eu quero agradecer às mães e dizer o seguinte: o esforço aqui desta CPI não é só da nossa pessoa, mas de todos os membros dela para esta causa. A gente sabe que existe sempre um carinho pela proximidade, pelo empenho, mas quando nós unificamos os trabalhos... foi através da CPI que nós nos encontramos justamente para buscar meios e ajudar as mães que tiveram esse elo interrompido, como o caso foi da mãe Helena, da sua filha, mas com grande empenho e determinação tem se colocado à disposição para ajudar as outras mães para não sofrer o que a mesma sofreu, e tem sofrido.

E assim é o nosso mandato, a nossa Casa Legislativa, a nossa CPI. Nós estamos aqui para unificarmos na força, no empenho, na dedicação, e sanar esse problema que, como aqui colocou, foi algo que aconteceu em 2006, 2009, 2016, agora 2021. E muitos outros nós sabemos que os fatos, eles vão acontecer, mas que eles venham ser amenizados e que eles venham ter um desfecho rápido para que esta situação não venha a se repetir.

Então, eu acredito que o depoimento, a fala de cada uma das senhoras já me contempla em algumas questões que até então, Presidenta, eu tinha algum entendimento pessoal, mas é o que aqui a Helena falou, por mais que eu tente passar o sofrimento, a minha dor para as pessoas, mas o flagelo, o sentimento de perda é da mãe. Então, vocês comentando, vocês falando, vocês relatando isso, nós conseguimos entender, na prática, podemos assim colocar, o fato daquilo que tem acontecido não apenas de uma eventualidade ou até mesmo uma suposição, não. Não são suposições, é uma coisa que existe sim e que precisa ser resolvida. E nós dependemos de vocês, através dos relatos de vocês para que a gente venha a chegar a essa solução através dessa CPI.

Obrigado pelo depoimento de todas.

A SRA. PRESIDENTE (Renata Souza) - Obrigada, Deputado.

Passo agora a falar a Sra. Lúcia Helena Lúcio Fernandes para que possa utilizar os dez minutos para a sua fala. E agradeço já de antemão a participação.

A SRA. LÚCIA HELENA FERNANDES - Bom dia a todos. Eu que agradeço ao Deputado Danniell Librelon, à Deputada Renata Souza e a outro que eu sempre me esqueço nome dele, acabou...

O SR. DANNIEL LIBRELON - Deputado Alexandre Knoploch. A SRA. LÚCIA HELENA FERNANDES - ...eu falei o nome dele errado.

Agradeço a todas, a todos vocês. Eu até disse a Lu esses dias que deito minha cabeça no travesseiro mais tranqüila por saber que estão brigando pelos nossos desaparecidos. Eu sempre me emocionio quando eu começo a falar porque é como a Flávia falou, a Lu falou, a Helena falou: nós não temos amparo nenhum. Principalmente no início de tudo quando acontece.

Eu sou mãe do Lucas Fernandes Silva, que desapareceu no dia 27 de junho de 2015, completou agora no dia 27 seis anos, e passei pelo mesmo processo que Flávia passou, pelo mesmo processo que Lu e todas. Cheguei, o meu filho sumiu no dia 27, foi no sábado, eu só pude fazer o boletim na segunda. E é sempre uma jogatina, a gente escuta: "- Ele foi agredido dentro de casa?", "- Ele tem problema com droga?", "- Tá na casa de alguma namorada, não?".

Ele saiu da minha casa, o Lucas. Eu vou relatar um pouco do desaparecimento do Lucas, porque o Lucas trabalhou...

A SRA. PRESIDENTE (Renata Souza) - Tinha quantos anos o Lucas?

A SRA. LÚCIA HELENA FERNANDES - 16 anos.

O Lucas trabalhou no sábado com o pai até as 2 da tarde. Foi ao shopping, perto de casa, comprou um chinelo, cortou o cabelo e voltou para a casa. E nesse dia eu... estava muito frio, mês de junho, eu tinha ido comprar casaco para as crianças. E não comprei o dele porque ele era muito enjoado com roupa. E dei o dinheiro na mão dele de volta em casa. E ele pegou e falou para mim: "Não, a senhora guarda, que meu pai me pagou".

Como era aniversário da sogra, que ele estava namorando em casa há quatro meses, ele me deu o dinheiro e levou o resto. E logo em seguida ele saiu de casa era 7h40 da noite. E logo em seguida eu fui para a casa da sogra. Quando eu cheguei lá que chamei no portão, a namorada, no caso, na época, ela falou para mim: "Ué, tia? - porque jovem chama 'tia', 'tia' - o Lucas tava... ele falou que vinha no portão comprar bala". Só que, assim, a câmera, ele quando chegou lá na casa da sogra, ele comprou guardanapo, ele comprou vela, ele estava muito feliz naquele dia, muito feliz mesmo. Ele comprou tudo que voltou para a casa da sogra e desceu de novo pra comprar bala. Só que quando ele desceu o bar já estava fechado. E a câmera pega ele subindo até a metade da rua.

Dali ninguém viu mais o Lucas naquele sábado. Minha filha, minha neta, estavam comigo porque era uma comemoração da sogra do Lucas, e elas andaram no local onde ele sumiu e ninguém viu o Lucas.

E, assim, onde ele sumiu, uma rua acima é onde nós fomos criados, no caso meu marido, todos nós ali, todos conhecidos, e ninguém viu Lucas. E no caso isso no sábado. No domingo meu esposo foi pra a delegacia.

A SRA. PRESIDENTE (Renata Souza) - Foi onde?

A SRA. LÚCIA HELENA FERNANDES - Foi em São João de Meriti, em Parque Araruama. Porque eu moro em Duque de Caxias e um paralelepípedo divide a rua. E meu marido foi no domingo para fazer o registro e voltou para casa porque não pôde fazer porque era final de semana, eles não podem atender.

E o Lucas sumiu com um celular. E aí foi todo um processo, porque ele sumiu com um celular e o Zap dele ficou sendo visualizado até o dia 30. E aquela angústia. Eu mandando mensagem, o pai mandando, todo mundo mandando mensagem e só visualizava e não respondia nada. E fui para o Ministério Público. Do Ministério Público eu ia para a Vara da Infância. Da Vara da Infância eu ia para o Ministério Público. Do Ministério Público eu voltava a Vara da Infância. E nisso eu fiquei três meses.

O negócio só foi liberado cinco meses depois, o rastreamento do Lucas, do celular do Lucas. Cinco meses depois. O celular dele já tinha passado de mão, em outras, sabe, e foi muito longe que achamos o celular dele.

E, assim, uma vez eu liguei para a delegacia lá em Belford Roxo, porque foi caso refeito o registro lá, e eu liguei numa sexta-feira para saber se tinha alguma novidade no caso. E sempre que eu ligava, eu sempre escutava assim: "- Vocês que têm que trazer novidade pra gente. Alguma coisa." Eu levei câmera de ônibus, eu levei câmera de ônibus três dias depois do desaparecimento do Lucas. Na rua onde ele sumiu tinha casas com câmera, eles falaram que só pode ver uma, que no caso foi a que pegou ou Lucas até a parte... Até hoje eu também não vi isso. Eles não me chamavam para ver nada.

Também levei - eu tenho até aqui no meu celular - uma foto de uma filmagem que fizeram no Shopping Grande Rio, que supostamente parecia o Lucas muito, mas, assim, eu levei para a delegacia e no caso eles colocaram lá no computador, analisaram e falaram que não era. Mas eu pedi que eles fizessem um ofício para o shopping. Porque eu fui até o shopping, eu fui até a segurança do shopping e perguntei a eles quanto tempo a filmagem fica. Eles falaram para mim: "Olha, mãe, fica um mês. Se dentro de um mês eles não vierem, emitirem um ofício, porque a gente precisa de um ofício para poder pegar em toda circunstância do shopping, a entrada, a saída, o horário, isso tudo". E esse ofício não foi enviado.

Então, assim, a gente fica... a gente conta o apoio uma da outra. É o mesmo relato. E agora a gente está contando com o apoio de vocês.

E é difícil, porque eu tenho a minha filha também que me acompanha em tudo. Ela, muitas das vezes ela se tranca, porque sofre com depressão.

O Deputado fez quatro perguntas e a primeira foi sobre o boletim de ocorrência. Aí eu coloquei aqui: dois dias depois. Aí o senhor perguntou mais outras coisas. E tudo é "não". É só o "não" que a gente tem. Como a Lu sempre diz, o "não" a gente já tem, então a gente tem que correr atrás do "sim".

É isso, é difícil. Sabe? É uma caminhada muito extensa, muito dolorida, porque a gente volta, a gente sai daqui, mas a gente volta para casa vazia. E um ponto de interrogação anda lado a lado.

O que aconteceu, se está comendo, se está vivo, se está morto, se está sofrendo, se está bem. A gente não sabe de nada. Então é sempre a mesma coisa, sabe, sempre a mesma coisa. Aconteceu com a Flávia há seis anos atrás, aconteceu comigo, com a Lu. A Neli passou pelo mesmo processo, mas graças a Deus a filha dela foi localizada. A Helena. Então, assim, relatos de mãe que são a mesma coisa.

A SRA. PRESIDENTE (Renata Souza) - Verdade.

A SRA. LÚCIA HELENA FERNANDES - Não muda. Sabe? A gente escuta outras mães, mas é sempre a mesma coisa. Foi como a Deputada estava falando, os nossos são desaparecidos. E quando acontece lá fora com algum grandão, aí é sequestrado, e rapidamente acontece a busca. É rápido. A nossa não, a gente tem que esperar as 48h. Infelizmente.

A SRA. PRESIDENTE (Renata Souza) - Muito obrigada, Sra. Luana... Lúcia, desculpa. Agradeço demais o seu relato.

A Sra. Neli Adriana está presente? Então, eu vou passar a palavra a senhora para possa tecer informações a essa CPI, já agradecendo a sua presença. Então, com a palavra a Sra. Neli Adriana da Silva.

A SRA. NELI ADRIANDA DA SILVA - Meu bom dia, meu bom dia a todos.

Bom dia, Deputada Renata Souza, Deputado Danniell Librelon. Muito obrigada por nós estarmos aqui presentes. Quero agradecer a todos pela oportunidade de tá aqui falando.

O meu relato é um pouquinho diferente. A minha filha foi localizada, graças a Deus, mas eu vivi a situação durante cinco meses. E eu confesso que nada mudou. Porque eu vivi esse processo em 2011, eu tive as mesmas dificuldades que essas mães tiveram.

Então a partir desse momento, desse ano, eu conheci o que que era desaparecimento. Até então eu era mais uma cidadã que quando via um caso de desaparecimento às vezes na televisão não dava importância. Eu tive que viver para entender o que que é essa dor. E eu vou te falar que essa dor ela nos consome a cada dia. Ela não só mexe com o nosso lado, com a nossa estrutura psicológica, como ela também mexe com a família toda. A estrutura financeira, em todos os sentidos. Porque para você sair para trabalhar é muito difícil. Então acaba destruindo uma família. Entendeu?

E como as mães fam, não tenho assim... a minha questão de desaparecimento, no meu caso, não que seja todos os casos, foram questões familiares. Eu tinha um casamento muito conturbado. Mas isso precisou acontecer para mim mudar minha história de vida e para mim conhecer o que que era esse mundo de desaparecimento. Porque eu pensava que até então a realidade era uma realidade só minha.

Então eu vou falar um pouquinho até quando eu cheguei à delegacia, eu tive as mesmas dificuldades que essas mães tiveram. Eu cheguei para fazer o Boletim de Ocorrência, mandaram eu primeiramente procurar hospitais e IML's. Eu confesso que a gente se sente perdida, é muito difícil. Porque, ao você chegar à delegacia, nós somos completamente ignoradas. A palavra certa é essa, nós somos ignoradas.

E eu fui fazer o que foi mandado, não é? Eu não conhecia a Lei da Busca Imediata. Eu confesso que eu fui até os hospitais. Não tive coragem de ir ao IML no dia. Eu fui no hospital, não me lembro porque tem muito tempo. Eu não sei foi no mesmo dia, se foi no dia seguinte, eu fui à delegacia. Aí perguntaram, falei: "Sim, fiz." Não tinha. Eu até menti, falei: "Fui, fiz tudo." Fiz o Boletim de Ocorrência, enfim.

É de grande importância o Boletim de Ocorrência, mas até então a gente não sabe por onde começar. Tem muitas mães aqui que têm os filhos desaparecidos. Por exemplo, a Lu, desde 2009, não é, Lu? A Helena também, sua filha, não é? Mas teve o desfecho do caso, apesar de não se ter..., mas teve o desfecho de caso. Foi um desfecho muito difícil. Mas a gente não sabe como chegar.

E eu confesso que eu saía de madrugada, eu pegava um ônibus, saía de madrugada, vinha para a Central do Brasil, procurava a minha filha onde moradores de rua dormiam. Procurava. Saía andando, Copacabana, procurava.

Um dia, eu tomei coragem e fui até o IML aqui da Leopoldina. Chegando lá... Isso já se tinham passado mais de... acho que mais de 10 dias. Chegando ao IML, chorei muito, cheguei muito nervosa, porque IML é uma palavra que nos assusta, não é? É um local que nos assusta. E, chegando lá, as policiais, as atendentes foram muito solícitas, me ouviram, me deram água, me acalmaram. E uma policial pegou, me abraçou e falou assim: "Mãezinha, você vai ter que ir numa sala, você vai ter que olhar algumas fotos." Do dia 07, que ela tinha desaparecido, até o dia de hoje. E foi.

Confesso que as fotos foram muito realistas, mas minha filha não estava lá. E ali, ao sair, me deram um papelzinho da FIA. Foi aí que eu fiquei conhecendo a FIA. Eu acho que também acho que a gente precisa ter mais divulgações de órgãos que nos ajudem na divulgação dos nossos desaparecidos. Nós precisamos, como Alerta Pri, eu vejo isso também como uma divulgação de mídia. Precisamos ter mais divulgações. Não importa qual seja o caso de desaparecimento.

A Lu, a Helena falou uma questão que a gente sempre conversa aqui em grupos de mães: desaparecimento tem que passar a ser crime, sim. Porque eu acho que até mesmo, passando a ser crime, vai diminuir bastante. Eu acho que, tendo mudanças de lei, vai diminuir bastante, sabe? Eu creio que seja dessa forma, uma ideia. Eu acho que a questão ia diminuir bastante. A gente sempre fala a respeito disso.

Não é fácil a gente viver essa dor. Eu já vivi. E, como eu disse antes, eu não conhecia. Quando eu conheci o mundo de desaparecimento, em 2012, eu recebi um convite do Luiz Henrique, para ir num... a gente fala "evento". Na época, ele fez... eu acho que foi na Cruz Vermelha, tem muito tempo. E eu fiquei assustada pelo volume de mães. Lá eu conheci a Lu e assim eu fui conhecendo algumas mães. Eu fiquei assustada, porque eu não imaginava que era um mundo. Embora a gente não tinha todas as mães ali, mas eu vi muitas mães. Aquilo me... confesso que aquilo me assustou.

E eu não consegui parar, sabe? Eu procurava, da maneira que podia, levar esperança para essas mães. Se eu conseguir, vocês também vão conseguir. E é muito difícil falar, sabe? Eu confesso que às vezes eu volto um pouquinho ao passado. A gente realmente é completamente igual, a gente está comendo, a gente pensa: "Será que nosso filho tá comendo?" Gente, inverno. Quando chega essa época para a gente, é uma tortura psicológica muito grande.

A gente tem que ter... Eu acho que também a questão do amparo psicológico, o Deputado estava perguntando se nós temos. Realmente nós não temos. Eu acho que já teria que ter um centro específico para essas mães já começarem a fazer um tratamento, um acompanhamento, para dar uma certa aliviada, sabe? Porque é muito difícil.

Eu estou junto aqui com essas mães, a gente sempre, apesar de alguns casos aqui ainda não ter o desfecho, mas a gente acredita em mudanças, sabe? E a gente acredita em mudanças, e a gente agradece. Eu agradeço a vocês pelo Poder Legislativo ter aberto esse olhar, ter nos escutado e tentar criar meios onde possa realmente não só dar mais esperança para essas mães. E também que, se vier acontecer novos casos, que sejam mais bem solucionados, sejam mais investigados.

A gente sabe que o efetivo é muito pequeno em relação à delegacia. A gente sabe disso tudo, que é muito difícil. Mas uma vez eu estava conversando com a Lu, a gente não tinha conhecimento da lei federal. Gente, busca imediata é uma lei federal e o que precisa mais? Se a lei federal não é cumprida, o que precisa mais?

Essa fica a minha pergunta. Até quando? E só isso que eu tenho a falar.